

A SEDUÇÃO DA LUZ: ELETRIFICAÇÃO E IMAGINÁRIO NO RIO DE JANEIRO DA *BELLE ÈPOQUE*.*

AMARA SILVA DE SOUZA ROCHA **

RESUMO

As representações da cidade do Rio de Janeiro produzidas na virada para o século XX possuem como um de seus símbolos recorrentes a eletrificação. Ricas em significados e portadoras de um sentido histórico social, estas imagens estão ligadas a um imaginário coletivo que tem no processo da modernização uma de suas corporificações mais importantes.

O objetivo do presente estudo é analisar este processo, a partir de uma abordagem do imaginário que ele revela. Será examinado em que medida esta *sedução da modernidade*, expressa aqui como *sedução da luz*, implica num conjunto de valores capazes de ordenar a vida em sociedade.

Palavras chaves: Urbanização; Imaginário; Eletrificação.

Introdução

A **sedução da modernidade**, expressa aqui como **sedução da luz**, tinha como objetos de fetiche no século XIX os conhecimentos científicos que, voltados para a indústria, produziam inventos que rompiam barreiras espaciais e temporais até então intransponíveis. O

*. Este artigo apresenta algumas conclusões de minha dissertação de mestrado intitulada “A Sedução da Luz: O Imaginário em Torno da Eletrificação do Rio de Janeiro (1892/1914)”, realizada no PPGHIS/UFRJ, sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Luiz L. Salgado Guimarães.

** . Historiadora da UFRJ e Mestre em História Social pelo PPGHIS do IFCS/UFRJ.

telefone, o automóvel, a energia elétrica, simbolizavam para os contemporâneos forças poderosas de civilização, através das quais o homem ascendia a uma era de dinamismo, desafiando distâncias impostas pela natureza.

Considerando as devidas diferenças históricas, hoje, às vésperas do terceiro milênio, um número cada vez maior de pessoas convive cotidianamente com o poder “ilimitado” da tecnologia. Paradoxalmente, a época em que a humanidade tornou-se capaz de produzir com maior facilidade e abundância os bens “necessários” a sua sobrevivência e a valorizar o prazer e o bem-estar é justamente aquela que tem como características fundamentais a fome, a violência e a constante insatisfação pessoal. As grandes cidades de países subdesenvolvidos, como signos desta época, apresentam um cenário bizarro no qual convivem “lado a lado” a extrema riqueza e miséria, numa pseudo-harmonia “moderna”.

Longe de olhar o passado numa perspectiva estritamente presentista, posição que rejeitamos, o estudo aqui proposto busca novas perspectivas para a compreensão do processo histórico de urbanização e modernização das cidades latino-americanas, em especial do Rio de Janeiro, através da abordagem do imaginário coletivo e, conseqüentemente, da cultura em torno deste processo.

O Rio de Janeiro da *belle époque*, então capital da recém-fundada república brasileira, é uma das cidades latino-americanas onde a elite dirigente melhor incorporou a urbanização como uma necessidade premente de uma sociedade que precisava “civilizar-se”. As reformas, que em poucos anos redefiniram funções para as áreas centrais da cidade, criaram condições para um novo ordenamento espacial com o surgimento de novas zonas de elite na parte sul. O início da eletrificação da cidade, ocorrido neste contexto, foi emblemático, revelando um imaginário rico em representações simbólicas.

Em termos sociais o imaginário designa o estruturante originário de cada sociedade, o que torna possível as diversas organizações humanas. Como um dos elementos fundantes do que se chama “realidade”, possui uma relação com ela muito mais complexa do que o aspecto ilusório e especular atribuído tanto no uso mais freqüente do termo, quanto nos meios psicanalíticos. A possibilidade de existência do imaginário está diretamente ligada às suas relações “profundas e obscuras” com o **simbólico**. O imaginário necessita do simbólico, tanto

para exprimir-se, o que é óbvio, quanto para existir, para passar do virtual a qualquer coisa a mais¹.

Ao mesmo tempo que possui estreita ligação com a historicidade da sociedade a qual pertence, o simbólico possui também um grau de relativa liberdade em relação a ela, tornando-se difícil delimitar suas fronteiras. Numa tentativa de compreensão do sentido e do papel que estes dois elementos - **imaginário** e **simbólico** - desempenham na constituição das sociedades é necessário sublinhar que ambos possuem fronteiras móveis e sua condição de possibilidade é sempre social e historicamente determinada.

Um outro conceito - o de **cultura** - torna-se instrumental essencial para a análise aqui proposta. Tomando-se por base a definição elaborada por Clifford Geertz², cultura é entendida aqui como um conjunto de mecanismos de controle extragenético, fora da pele, que ordenam o comportamento humano e do qual ele depende “desesperadamente”. Conceitualmente denota um padrão, transmitido historicamente, de significados que se corporificam em símbolos, um sistema de concepções que constituem a herança por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida. Sua análise deve ter como pressuposto a procura de significados, de um contexto dentro do qual a descrição dos símbolos assume sentido e densidade. A partir destes conceitos torna-se possível uma **história cultural** que tome por objeto as representações do mundo social, os processos pelas quais se constrói um sentido.

No que se refere ao mundo moderno, sua racionalização, levada ao extremo, cria a falsa impressão de que esta época, mais que qualquer outra, estaria dissociada do imaginário. A racionalidade se corporifica, assim, numa instituição que preexiste a sociedade. Através de sua sistematização e aplicação o homem atingiria o ápice de seu desenvolvimento e a plena capacidade de criação e utilização dos recursos tecnológicos. A pseudoracionalidade moderna é uma das formas históricas do imaginário³.

¹. CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.175-6.

². GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

³. CASTORIADIS, Cornelius. *Op. cit.* 187-8.

No século XIX falar de **progresso** significava falar de ciência, palavra forjada no começo daquele período e que em seu transcurso tornou-se um símbolo sagrado no vocabulário ocidental, tanto acadêmico quanto popular. A reverência com que até muito recentemente era tratado o cientista é produto do século XIX. A fé no progresso da humanidade era quase universal entre os principais pensadores do período que vai de 1750 até meados do século XX⁴. Os céticos e incrédulos, mesmo tendo representantes brilhantes como Nietzsche, manifestaram-se como vozes isoladas se comparadas ao coro uníssono formado pela imensa maioria dos grandes espíritos que na história ocidental inspiraram-se no dogma do progresso amplamente aceito e incorporado à vida do “homem comum”.

Na virada para o século XX falar de ciência significava falar de tecnologia. O crescimento da capacidade industrial se manifesta no uso mais intenso dos conhecimentos científicos direcionados à criação de novos produtos ou no aperfeiçoamento daqueles já existentes. No processo de mundialização, o capital, sob sua forma monopolista, incorporou a função “messiânica” de expandir a **civilização** aos quatro cantos do planeta. “Civilização” definida a partir da representação que a sociedade ocidental faz de si própria, constituindo-se como o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão do mundo. Sistematizada na idéia de que representaria o que de melhor a humanidade pode produzir até então, torna-se, em razão de sua “excelência”, um bem que deveria ser comum a toda humanidade em *prol* de seu próprio melhoramento. Esta noção de civilização sustentou a autoconfiança com que povos se expandiram fora de suas fronteiras e colonizaram terras muito além delas⁵.

No imaginário da modernização alguns objetos são investidos de um valor simbólico considerável. É o que acontece com a enxurrada de produtos voltados para o uso cotidiano que surgem na virada para o século XX, quando ciência e tecnologia tornam-se extremamente atrativas para grandes investimentos industriais. Estes novos produtos: automóvel,

⁴. Sobre a noção de progresso ver: NISBET, Robert. História da Idéia de Progresso. Brasília: Ed. da UNB, 1985.

⁵. ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p.23-5.

eletricidade, avião, cinematógrafo, telégrafo, etc., integram um cenário de modificações em que o capitalismo se expande tornando-se um sistema de dimensões mundiais, tendo como função “primordial” a busca da “eficácia” e do “aperfeiçoamento progressivo” do ser humano. As noções de progresso e de civilização foram fundamentais na constituição de uma “modernidade messiânica” que se estendesse aos mais variados cantos do mundo.

Eletricidade: Do Lúdico à Valiosa Mercadoria Industrial.

A eletricidade é um dos principais produtos, criado e aperfeiçoado pelo desenvolvimento científico da época, que transforma-se em valiosa mercadoria. Como fonte de energia mais potente e higiênica, se comparada ao vapor e ao gás, incorpora elementos simbólicos de um imaginário fascinado pela ciência e pelo seu “ilimitado” poder. Integra uma rede de significados que remonta ao iluminismo, em que **luz** simbolicamente estaria associada a **progresso e civilização**, fundamental à sua configuração como mercadoria emblemática da *belle époque*.

No ambiente do século XIX ciência era um assunto que extrapolava o círculo especialista e interessava o público em geral. Várias descobertas no campo da física, desde o século XVII, incentivavam experiências, muitas vezes de cunho doméstico, com finalidades diversas. Tanto serviam para distrair, como para educar, ou mesmo acenavam para a possibilidade de encontrar fórmulas que permitissem usos práticos para os conhecimentos que eram gerados acerca dos fenômenos da natureza. Na esteira da indústria nascente se generalizava a idéia de que, com iniciativa, todos um dia poderiam ser capitalistas. O par ciência-tecnologia se configurava como um manancial que prometia riquezas incalculáveis.

O estudo da eletricidade e de suas aplicações fascinou este eclético público que se interessava por novidades científicas. O fato de operar com uma força invisível e desconhecida fez com que a ciência penetrasse em campos até então relacionados à magia. Além disto, o uso prático e o retorno econômico da atividade rapidamente tornaram-se notórios.

Apesar de todo este interesse, o efetivo reconhecimento da eletricidade como “moderna” fonte de energia está diretamente relacionado

aos templos de fetiche da tecnologia que foram as exposições universais⁶. Em 1881 foi realizada em Paris a primeira Exposição Internacional da Eletricidade, paralelamente ao primeiro Congresso Internacional de Eletricistas, reunindo pela primeira vez, “interessados em eletricidade” do mundo inteiro, que começaram a se nomear *électriciens*. Na ocasião foram definidos padrões de medida e fixada toda uma terminologia fundamental para expansão econômica daquela nova tecnologia. Em paralelo ao Congresso, e por iniciativa dos poderes públicos, foi realizada a primeira Exposição Internacional da Eletricidade. Segundo Pascal Ory⁷, o interesse do governo em capitalizar esta oportunidade e objetivamente trabalhar pela vitória das “luzes” foi marcante, materializando-se num local de vulgarização e de festa com caráter popular. O povo aderiu em massa, chegando ao registro de 673.296 entradas, para contemplar o que seria a nova “grotte aux miracles” [gruta dos milagres], onde, entre outras coisas, era incentivado a assistir às primeiras demonstrações públicas de novas técnicas de comunicação, como o telefone, e de transporte, como o automóvel elétrico. Ainda como resultado do Congresso foi criada, em 1883, a Sociedade Internacional dos Eletricistas.

Depois da repercussão da primeira Exposição Internacional da Eletricidade, já não era possível aos expositores de eletricidade em 1889 permanecerem no estágio da descoberta. Era necessário dar demonstrações mais práticas e efetivas do uso social da eletricidade, mantendo, no entanto, a aura de fascínio. Segundo Pascal Ory : “*Dès lors on passait du miracle à la magie*”⁸. Ao contrário do que ocorrera nos anos anteriores, naquele ano, pela primeira vez, a eletricidade passa a ocupar uma classe específica, diferenciando-se do *rol* em que na época misturavam-se tecnologias nascentes e ainda pouco estruturadas. Somada a esta evolução taxionômica fundamental para o reconhecimento de um ramo in-

⁶. Na França, palco privilegiado onde ocorreram importantes exposições universais, atualmente desenvolvem-se relevantes estudos sobre estas exposições, as novas tecnologias apresentadas e sua penetração no imaginário coletivo. Ver a respeito: REBERIOUX, Madeleine. *Approches de l'Histoire des Expositions Universelles à Paris du Second Empire à 1900*. IN: *Bulletin du Centre Pierre Leon*. Paris: 1979, n.1, p. 1-20. Idem. “Au Tornant des Expos: 1889”. IN: *Le Mouvement Social*. Paris: Les Éditions Ouvrières, n.149, oct./déc. 1989; e outros textos que serão citados no decorrer deste artigo.

⁷. ORY, Pascal. *1889 La Memoire des Siècles*. L'Expo Universelle. Paris: Editions Complexe, 1989. p.24-7.

⁸. Idem. Ibidem. p. 25:[passava-se do milagre à magia].

dustrial autônomo, os expositores apresentaram uma *performance* na qual, com muito êxito, conseguiram aliar instrução e diversão com o objetivo de garantir mercado para seu produto. Desta maneira, corresponderam integralmente ao sentido destes eventos universais e puderam, com muita eficácia, beneficiar-se da repercussão e do brilho da exposição de 1889. A eletricidade e a Torre Eiffel foram consideradas rainhas desta Exposição.

A eletricidade transformava-se em uma energia à parte, que rivalizava com o vapor, a água, os motores a gás ou ar comprimido para mover mecanismos e com o gás para iluminar a noite. Além de fornecerem profusa iluminação para espaços internos e externos da exposição, os eletricitários, então bastante organizados, prepararam outros efeitos mais específicos capazes de intrigar e mexer com a imaginação dos visitantes. Thomas Edison, um dos mais premiados, tornou acessível ao público sua estação elétrica que era um modelo arrojado em ferro e vidro, potencialmente destinada a um bairro central de uma grande cidade, e que era utilizada para fornecer energia para iluminação de vários espaços da exposição. O fascínio provocado faz parte dos registros dos contemporâneos:

On la voit de loin. On a eu l'idée de hisser au sommet de la cheminée de 18 mètres une grosse lampe électrique. Le public s'y arrête encore pour une autre raison. Le petit parterre gazonné qui précède le pavillon est entouré d'un gros fil métallique fixé sur des pieux et formant ceinture. Or une dérivation faisait souvent passer dans le fil un petit courant d'une centaine de volts. Quand les visiteurs mettaient la main sur le fil, ils ressentaient une légère secousse: c'était à qui se ferait ainsi électriser. D'où des rires, des bousculades qui ont rendu ce petit coin populaire⁹.

⁹. PARVILLE, H. de. [1890] Apud: CARDOT, Fabienne. *Op. cit.* p.52 : [Este pavilhão era visto de longe, teve-se a idéia de colocar no topo da chaminé de 18 m, uma grande lâmpada elétrica. O público parava em frente a este espetáculo ainda por uma outra razão um pequeno canteiro cheio de relvas que precedia o pavilhão e que era circundado por um grande fio metálico fixado sobre as estátuas e formando um círculo. Uma derivação fazia passar freqüentemente, dentro do fio uma pequena corrente de 100 volts aproximadamente. Quando os visitantes colocavam a mão sobre o fio eles sentiam uma ligeira sacudidela provocada por um choque. Vinham então risos, gargalhadas, que tornavam este pequeno lado da exposição um lado popular].

As fontes luminosas também foram bastante apreciadas pelo público que se seduzia por um tipo de fogo de artifício que se apresentava sem barulho, sem odor, sem risco de incêndio. Dentre elas destacou-se a “fonte luminosa de Glasgow”, realizada sob os cuidados da casa de Galloway and sons de Manchester. Nela vislumbrava-se o espetáculo da iluminação em sua própria massa de jatos parabólicos e a alguma distância da bacia e de seus 48 metros de efeitos de água distinguia-se dentro de uma cabine de vidro um “*chef machiniste*”:

(...) comme au théâtre, variant les combinaisons chromatiques au moyen de grosses manettes. Et ce qu’il y avait de sidérant à voir s’élever dans la nuit d’été, au pied de la Tour de trois cents mètres, des jets d’eau colorés de vingt mètres de haut se doublait ainsi d’un spectacle peut-être plus fascinant encore, celui d’un démiurge moderne, massif et barbu, régissant l’eau et le feu derrière sa vitre, annonciateur, aux yeux des enfants du capitaine Nemo, de ces temps nouveaux où l’homme moderne ferait, en effet, la pluie et le beau temps¹⁰.

Instruir e divertir, estes foram caminhos seguidos pelos eletricitários para formação de um mercado. Especialmente para o público leigo, esta nova fonte de energia representou uma versão “moderna” de ciência, capaz de produzir efeitos que anteriormente eram associados à magia. As obras dos *vulgarisateurs* vão prolongar estes efeitos e as impressões causadas se fixarão na memória graças aos aparatos de persuasão, através de explicações “históricas”, comparativas e práticas. A literatura de vulgarização integra o ambiente da segunda metade do século XIX, tanto quanto a industrialização e o Comtismo e tem o mesmo objetivo da exposição: “instruire sans fatigue et chanter l’hymne du progrès technique” [instruir sem cansaço e cantar o hino do progresso técnico]. Com esta finalidade são realizadas conferências, cursos noturnos para educação popular e peças de teatro, além de uma série de publicações como guias, revistas, catálogos ilustrados números especiais de séries

¹⁰. ORY, Pascal. *Op. cit.* p. 27: [(...) como no teatro, variando as combinações cromáticas em meio a grandes alavancas. Era surpreendente ver se elevar na noite de verão, ao pé da Torre de 300 metros, jatos de água coloridos de 20 metros de altura que se duplicavam assim em um espetáculo talvez mais fascinante ainda, de um demiurgo moderno, maciço e barbudo administrando a água e o fogo atrás de sua vidraça, anunciador, aos olhos das crianças do capitão Nemo, desses novos tempos onde o homem moderno faria, com efeito, a chuva e o bom tempo].

anuais. A eletricidade tem um tratamento especial nestes trabalhos. Os contemporâneos da Exposição de 1889, mesmo os que não a visitaram, tiveram uma vasta literatura sobre os desenvolvimentos e as aplicações maravilhosas da ciência¹¹.

Os eletricitários souberam explorar todos os recursos que lhes ofereciam uma exposição universal para definição de um novo ramo industrial autônomo. Em função disso, foram múltiplos os papéis desempenhados pela eletricidade, que teve uma participação fundamental na festa de comemoração dos cem anos da República Francesa:

(...) elle pare la fête et magnifie la République; elle amuse et éblouit le badaud; elle manifeste des progrès scientifiques et techniques réguliers; elle exige et anime des machines de plus en plus colossales; elle est objet pédagogique et gloire industrielle; elle est française autant qu'étrangère; elle laisse espérer une énergie pour tous et une vie plus facile. Amusement, instruction, nationalisme, admiration, grandeur technique, progrès social: elle a sacrifié à toutes les idoles des expositions¹².

Como função importante destes templos de adoração, a fetichização de novas tecnologias e a legitimação de seu uso cotidiano foi bem exercida no caso da eletricidade. Ao final da Exposição de 1889 não só os franceses, mas parte do mundo ocidental, tinham como referência a existência do setor elétrico como ramo industrial autônomo em plena expansão.

A organização dos eletricitários como categoria industrial foi fomentada neste contexto, embora a expansão mundial da energia elétrica tenha dependido, fundamentalmente, de capitais alemães e americanos, da organização do capital em bases monopolistas e, em essência, da disseminação de uma cultura da modernização.

¹¹. CARDOT, Fabienne. *Op. cit.* p. 54-5.

¹². Idem. *Ibidem.* p. 57: [Elaorna a festa e engrandece a República. Ela agrada e encanta o visitante da exposição. Ela manifesta os progressos científicos e técnicos regulares. Ela exige e anima as máquinas cada vez mais colossais. Ela é objeto pedagógico e glória industrial. Ela é francesa tanto quanto estrangeira. Ela deixa a esperança de uma energia para todos e de uma vida mais fácil. Divertimento, instrução, nacionalismo, admiração, grandeza técnica, progresso social, ela foi sacrificada a todos os ídolos da exposição (...)].

A Cultura da Modernização e a América Latina.

O capitalismo monopolista assume proporções mundiais na virada do século. A América Latina tornou-se um campo privilegiado para expansão deste sistema. Os capitais eram investidos em empresas privadas, nacionais e estrangeiras, em funcionamento na região, ou eram emprestados aos governos latino-americanos. Além dos juros, lucros e *royalties* obtidos nestas transações havia outros benefícios decorrentes de concessões comerciais, financeiras e institucionais (inclusive de caráter fiscal). A distribuição destes recursos não apresentava padrão uniforme, sendo aplicado tanto na produção - especialmente na indústria extrativa mineral -, quanto na comercialização e na intermediação financeira. No entanto, o volume maior destes recursos foi aplicado no setor terciário, essencial ao estabelecimento de um novo fluxo de circulação de mercadorias.

O processo de urbanização latino-americano da virada do século XX desempenhou papel fundamental na reprodução ampliada do capital. Sua dimensão, no entanto, longe de se esgotar nisto, manifesta-se nas adaptações, resistências e contradições vividas pela sociedade do período. O imperialismo assume a forma de um complexo cultural em que participam o dominante e o dominado. Tanto a cultura dos povos dominados, quanto a cultura européia são fortemente influenciadas por esta relação. As construções culturais, a arte, a literatura, a ciência, a história, impregnaram-se disto, criando “estruturas de sentimento” que sustentam, elaboram e consolidam a prática imperial¹³. Mais do que em outras épocas, estas construções são assumidas como espaços de refinamento ou depuração do que melhor existe nas sociedade dos homens. E este “ápice” do progresso humano era concebido a partir da própria cultura da Europa Ocidental.

Num momento de aproximação do mundo e de maior integração e comunicação, a cultura beneficiou-se, mais do que nunca, da idéia de estar “acima do bem e do mal”, numa fase de convergência entre a enorme extensão geográfica dos impérios e os discursos culturais universalizantes¹⁴. Dessa forma, uma cultura, não por ser européia, mas por se considerar o “ápice” da criação humana, buscava se impor.

¹³. SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 45.

¹⁴. Idem. Ibidem.

O imperialismo, neste sentido, assume o estatuto de uma concepção ideológica implementada e sustentada não só pela dominação direta e pela força física, mas por meios persuasivos de muito maior eficácia ao longo do tempo, convertendo-se, na prática, em processos cotidianos de hegemonia. No nível físico manifesta-se pela transformação e remodelação de ambientes ou por grandes feitos administrativos, arquitetônicos e institucionais. Com ele surgem novas elites, muitas das vezes em aliança com as já existentes, culturas e subculturas imperiais, e novos estilos artísticos. Pela imposição diária do poder na dinâmica da vida cotidiana, no vaivém da interação entre nativos, homem branco e instituições de autoridade, realizam-se o que Edward Said denominou de as microfísicas do imperialismo¹⁵.

As sociedades anônimas, produtos desta época, garantiram institucionalmente a livre movimentação dos capitais, abrindo a possibilidade de diferentes associações interempresariais¹⁶. Uma das estratégias adotadas para a expansão das sociedades anônimas foi a exportação de tecnologias então revolucionárias, ligadas especialmente à área de infra-estrutura urbana. Estes novos produtos rapidamente transformaram-se em valiosas mercadorias portadoras do sentido de “modernidade” e “civildade” da época.

A indústria de eletricidade surge sem nenhuma tradição e sua organização dependia de aprimoramentos técnicos que estavam ocorrendo naquele momento. Para que a nova energia se transmutasse em mercadoria tornava-se imprescindível o desenvolvimento de um conjunto de técnicas e equipamentos que permitissem sua conservação, distribuição e produção de cargas de baixa voltagem. De descoberta fascinante à mercadoria valiosa a eletricidade teve que ultrapassar algumas barreiras tecnológicas e científicas consideráveis. A indústria de energia elétrica nasce, assim, com desafios tecnológicos que exigem investimentos estáveis, cujo retorno ainda não era dimensionável. Além disso, ao mesmo tempo que se organiza como ramo industrial tem que criar seu próprio mercado consumidor.

Alemanha e Estados Unidos foram os países onde a indústria elétrica se estruturou mais fortemente, chegando a assumir uma das ca-

¹⁵. Idem. Ibidem. p.153.

¹⁶. Ver a respeito SZMRECSÁNYI, Tamás. A Era dos Trustes e Cartéis. IN: Revista História e Energia. ano 1989, n. 5, Eletropaulo.

racterísticas mais originais da industrialização do fim do séc. XIX, sem dúvida a primeira do gênero: uma estrutura bipolar da indústria eletrotécnica no plano internacional. A supremacia destes dois países está relacionada ao desenvolvimento das técnicas, das patentes, e do complexo sistema de financiamento que conseguiram estruturar para o desenvolvimento do setor.

Às vésperas da guerra de 1914, a eletricidade já é um ramo fortemente estruturado, sendo mundialmente dominada por quatro grupos, dois americanos (General Electric e Westinghouse) e dois alemães (Siemens e Allgemeine Elektrizitäts Gesellschaft-AEG). Estes grupos detêm o controle das indústrias elétricas dos outros principais países industrializados. Na Grã-Bretanha e na França, o domínio do setor é americano. Na Áustria-Hungria, Rússia e Bélgica são os alemães que detêm o controle. Além deles, apenas os suíços haviam conseguido estabelecer uma posição internacional na França e na Itália e eram os únicos estrangeiros a ter uma presença na Alemanha. Assim, exetudadas a França, a Grã-Bretanha e a Hungria, que têm uma indústria nacional em condições de competir com os quatro grandes grupos, o setor de eletricidade é mundialmente partilhado por americanos e alemães¹⁷. A indústria de eletricidade apresenta-se, assim, como um grande império e um típico sistema de monopólio estruturado na *belle époque*. As empresas do Grupo Light (e as de grupos rivais, como o AMFORP) funcionavam como autênticas empresas multinacionais, refletindo, em grande medida, o declínio da hegemonia britânica nos mercados internacionais de capitais. Na América Latina, essa hegemonia começava a ser perdida para os capitais de origem norte-americana já antes da Primeira Guerra Mundial.

As empresas estrangeiras que investiam no processo de urbanização latino-americano foram verdadeiras máquinas de acumulação de capitais. Os fatores determinantes não eram necessariamente operacionais ou produtivos, ou seja, não decorriam apenas da produção e venda de seus produtos e serviços. Grande parte das vezes tendiam a ser de caráter predominantemente financeiro. Devido às posições estratégicas que ocupavam nas economias latino-americanas, essas empresas tendiam a ter acesso facilitado às informações relevantes para a tomada de decisões na

¹⁷. BRODER, Albert. Os Bancos e o Desenvolvimento da Indústria de Energia Elétrica Européia. IN: Anais do I Seminário Nacional de História e Energia, São Paulo: Eletropaulo, 1986, v.2. p.110.

aplicação de seus capitais, valendo-se das dificuldades políticas dos governos latino-americanos com vistas à ampliação de suas taxas de lucro.

Uma das formas de acumulação desenfreada estava nas oportunidades de negócios correlatos como, por exemplo, os propiciados pela constituição de amplos patrimônios imobiliários. A valorização destes patrimônios era determinada pela própria atuação das referidas empresas, que ao urbanizarem as cidades estabeleciam novas áreas nobres, criando outros padrões de valorização da terra.

O aumento do fluxo de capitais para a América Latina foi acompanhado pelo crescimento significativo no número de imigrantes. Estes dois fatores foram fundamentais no acelerado processo de urbanização pelo qual passaram as principais cidades latino-americanas na virada do século XX, e que provocou, em um curto espaço de tempo, mudanças profundas em suas paisagens e estruturas sociais.

Na segunda metade do século XIX, registra-se um vertiginoso aumento na densidade populacional que passa a ser de 3 habitantes por metro quadrado, ou seja, a população da América Latina duplicara em cinquenta anos. Este crescimento variou nos diversos países, sendo mais marcante naqueles em que o processo de inserção no capitalismo mundial se encontrava mais adiantado. No Brasil, os crescimentos maiores ocorreram nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

Apesar do incremento das atividades capitalistas, a paisagem das cidades latino-americanas mudara pouco na segunda metade do século XIX, com relação ao seu aspecto colonial:

Cows, driven from door to door, brought daily milk to wealthy homes. Mules, donkeys and horses likewise carried merchandise and food supplies to individual doorways, while troops of animals on the way to market or carrying merchandise continued to be a common sight in many Latin American cities until the end of the nineteenth century. And all those who could travel the streets on horseback rather than on foot¹⁸.

¹⁸. SCOBIE, James R. *The Growth of Latin American Cities, 1870-1930*. IN: BETHELL, Leslie. *The Cambridge History of Latin America*. Cambridge University Press, 1986, v.4. p..236.

Esta estrutura dificultava a execução das novas funções dadas a essas cidades: comércio, administração e indústria. Para viabilizar o projeto da “modernização” tornava-se necessário reordenar os espaços e seus usos. O remodelamento das cidades é um fenômeno típico da modernidade, ocorrendo a partir do século XIX em várias partes do mundo. A importação de modelos europeus, como da reforma de Paris e de Viena, para a América Latina se fez no intuito de “domar” o então “caótico” espaço das *urbs*. A estética neoclássica republicana impõe-se sobre a fisionomia colonial das cidades latino-americanas e, em alguns casos, pré-hispânicas, como Cuzco. Ainda que a estrutura anterior se mantenha, o novo critério se sobrepõe e se evidencia nas zonas de maior crescimento. E, assim, estas cidades passam por um tratamento estético e social visando extirpar sua aparência colonial “elevando-as” ao estatuto de metrópoles “modernas”. O alcance destas transformações interfere no cotidiano, na vida pública e particular, tanto da geração que lhe foi contemporânea, como nas imediatamente seguintes¹⁹.

A modernização se corporificou na América Latina com a construção de grandes teatros, sedes governamentais, palácios legislativos, grandes residências, e em obras como o Paseo de La Reforma, no México e a abertura de amplas avenidas com a demolição do *amurallamiento* colonial de Lima, no Peru. Reformas mais amplas foram realizadas no Chile com a reforma total de sua capital - Santiago - aos finais do século XIX pelo intendente Benjamin Vicuña Mackenna. No mesmo período, Buenos Aires, capital argentina, viveu um apogeu edilício com Julio Dormal, construtor do Teatro Colón (1908) e Alejandro Christophersen, autor do projeto do Palácio San Martín²⁰. Processo similar ocorre no Brasil com as reformas do prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro, então capital. Em poucos anos são construídos um conjunto de edifícios neoclássicos e uma larga avenida - a Avenida Central (Atual Av. Rio

¹⁹. Com relação às reformas de Paris ver: BECHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: Um Haussmann Tropical. Rio de Janeiro: Sec. Mun. de Cultura, Turismo e Esportes, 1992 (Biblioteca Carioca v. 11); quanto à reforma de Viena ver: SCHORSKE, Carl E. Viena Fin de siècle: Política e Cultura. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. Sobre o impacto cultural desses modelos no contexto latino-americano ver: RAMA, Angel. A Cidade das Letras. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 96.

²⁰. Ver a respeito: VARGAS SALGUERO, Ramón e LÓPEZ RANGEL, Rafael. La Crisis Actual de la Arquitectura Latinoamericana. IN: SEGRE, Roberto. América Latina en su Arquitectura. Unesco: Siglo Vientiuno, 1975. p. 186-203.

Branco) -, redefinindo funções para as áreas centrais da cidade, anteriormente ocupadas “indisciplinadamente” por um grande número de moradias da população de menor renda.

Eletricidade no Rio de Janeiro: De Heroína à Vilã.

No Rio de Janeiro, então capital da recém-fundada república brasileira, a eletrificação integra o projeto de embelezamento e modernização urbana, através do qual o poder público, representando interesses do capital internacional, das elites e dos setores médios²¹, impunha um modelo de civilização que tornava ainda mais visíveis as contradições de uma sociedade profundamente excludente.

O saneamento da capital constituía-se, naquele momento, numa preocupação nacional. A cidade convivia com sérios problemas de infraestrutura agravados pelo congestionamento cada vez maior de sua malha urbana. O afluxo crescente de egressos de áreas rurais próximas, grande parte constituído de forros que trabalhavam na cafeicultura do Vale do Paraíba, de pessoas de outros estados atraídos pela febre fiduciária do Encilhamento e de imigrantes à procura de trabalho e de melhores condições de vida, fizeram com que a densidade populacional praticamente se

²¹. Com relação à definição da composição da elite na *belle époque* carioca, percebe-se que numericamente ela é insignificante. A partir da análise dos dados do censo de 1906, pode-se considerar que abrangia apenas 0,58% do total da população urbana e era constituída, genericamente, por banqueiros, financistas, corretores, administradores, juízes, procuradores, grandes proprietários e alguns médicos, engenheiros e advogados de prestígio. Desta camada da população fazem parte, também, os indivíduos que ocupavam cargos nos poderes Executivo e Legislativo, como senadores, deputados federais e estaduais, presidentes, vice-presidentes e secretários de estado e membros das comissões executivas dos principais partidos. Apesar de sua pequena grandeza numérica, a elite representava um papel fundamental naquela sociedade. Os setores médios compostos, em sua maioria, por profissionais liberais, funcionários públicos e pequenos comerciantes tinham como referência cultural o mundo da elite. A própria literatura do período está intimamente entrelaçada aos anseios e às perspectivas de vida desse grupo social. Ver a respeito: NEEDELL, Jeffrey D. Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994; e, mais especificamente, sobre elite política ver: FERREIRA, Marieta de Moraes. Em Busca da Idade de Ouro: as elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1994.

triplicasse em três décadas, passando de 247 habitantes por km² em 1872, para 722 habitantes por km² em 1906²².

A concentração maior da população ocorria nas áreas centrais da cidade, nas proximidades do porto e do grande comércio. Uma economia voltada para o abastecimento de víveres se estabelecia em espaços contíguos àqueles onde eram realizados os grandes negócios. Vendedores ambulantes ofereciam de porta em porta artigos como leite, carnes e hortaliças, provenientes de pequenas chácaras situadas em áreas próximas. Havia, ainda, um grande número de pessoas ocupadas em atividades ligadas a serviços domésticos que viviam nestas áreas, morando em casas de cômodos e cortiços. Multiplicaram-se o número de trabalhadores exercendo ocupações mal remuneradas e não fixas que realizavam suas atividades nestes espaços.

As inadequadas condições de moradia e saneamento que vinham se arrastando deste o Império acirraram-se ainda mais com o aumento populacional. A cidade era assolada por constantes epidemias. Doenças como febre tifóide, impaludismo, varíola, sarampo, escarlatina, difteria, gripe, desintéria e febre amarela eram as maiores causadoras do alto índice de mortalidade da população, cujos coeficientes globais entre 1905 e 1907 girou em torno de 20% ao ano²³. Além das dificuldades sociais e econômicas que geravam no âmbito da cidade, estas epidemias prejudicaram as relações internacionais repercutindo negativamente na economia do país. O porto da capital era temido por sua insalubridade, provocando restrições à entrada de imigrantes e capitais estrangeiros.

A nova medicina social, organizada como poder político, reivindicava a prática da polícia médica, estabelecendo através de formulações técnicas o redimensionamento no uso do espaço urbano e nas relações pessoais. Esta corrente da medicina atribuía as causas das doenças ao meio ambiente, baseando-se na teoria dos miasmas, gases veiculadores das doenças e da morte. Em sua avaliação a cidade possuía todas as condições favoráveis à proliferação dos miasmas. Desde a geografia, com a existência de morros que impediam a circulação de ventos e a renovação dos ares, até nas relações privadas com as precárias condições de moradia. A medicina social produziu todo um discurso científico que

²². LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. História do Rio de Janeiro: Do Capital Comercial ao Capital Industrial e Financeiro. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978. v. 2. p. 469-70.

²³. Idem. *Ibidem*.

legitimou e influenciou o reordenamento urbano com o objetivo de fazer da capital brasileira da virada do século XX uma metrópole moderna.

Houve um grande empenho social, político e econômico na busca da realização deste projeto. Noções de **progresso, civilização e modernidade** fizeram parte substantiva da cultura daquela sociedade. Num curto espaço de tempo (1902-6) foram realizadas mudanças significativas nas áreas centrais da cidade. A abertura da “grande avenida” e o alargamento de outras artérias desalojou parte considerável da população de menor renda, que buscou abrigo em áreas próximas, dando origem a muitas das atuais favelas e morros que permeiam a cidade. Uma parte deste contingente dirigiu-se também para os subúrbios. Além das reformas espaciais, foi instituído um rigoroso código de posturas que, entre outras coisas, visava extirpar práticas cotidianas como a venda ambulante de víveres e outros produtos estipulando, até mesmo, normas para a vestimenta daqueles que circulassem em vias públicas.

A modernização urbana foi, em grande medida, financiada por empresas estrangeiras, cuja entrada no Brasil era facilitada por uma conjuntura internacional de expansão de capitais e pela política desenvolvida pelo governo brasileiro no período. Os *promoters*, agentes financeiros de empresas estrangeiras, tiveram papel fundamental neste processo em que se misturam barganhas políticas e econômicas. No caso da expansão do setor de eletricidade do Rio de Janeiro os investimentos de capitalistas canadenses foi fundamental. Para o estabelecimento da Light Rio, a atuação do *promoter* Percival Farquhar foi imprescindível. Possuidor de uma sólida base econômica e grande prestígio como industrial nos Estados Unidos, Farquhar envolveu-se numa série de negócios em vários países da América Latina. No Brasil, esteve presente em alguns empreendimentos de vulto, como por exemplo, na controvertida construção da ferrovia Madeira-Mamoré.

Para investir no Rio de Janeiro, Farquhar tornou-se sócio de Frederick Pearson, responsável pela Mexico Power & Light Co., e da São Paulo Tramway Light and Power Co. Com base nessa união foi possível captar recursos de cerca de cinco milhões de dólares em Toronto, Canadá. Este montante foi recebido no Brasil por Alexander Mackenzie, sócio de Pearson em São Paulo, que passou a adquirir em seu nome concessões nos setores de viação e distribuição de energia.

Após expor seus planos de investimento ao Presidente Rodrigues Alves e ao Prefeito Pereira Passos, que estimularam a iniciativa, o grupo

fundou no Canadá, em 1904, a The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Co. Ltd.²⁴ Mackenzie e Pearson foram nomeados procuradores da empresa no Brasil. O gerenciamento das atividades do grupo no Rio de Janeiro era, portanto, de capitalistas norte-americanos e o capital de origem inglesa.

Para que o projeto da *holding* fosse viabilizado, os capitalistas buscaram neutralizar toda uma legislação contrária à formação de monopólios na capital ao mesmo tempo que dedicavam-se a um complexo trabalho de captação de recursos no mercado financeiro internacional, obtendo apoio da National Trust e do Bank of Commerce, além de outros grandes investidores. Através de obtenção de controle acionário, compra integral de ativo e aquisição indireta, o grupo adquire o controle da produção e da distribuição de energia elétrica, além de maior parte das concessões de transportes ferro carris da capital, visando sua eletrificação, contando com o apoio incondicional dos poderes públicos.

O processo de eletrificação despertou grande interesse na imprensa. A discussão sobre livre concorrência e monopólio que invadiu os jornais cariocas esteve, na maioria das vezes, restrita a posições generalizantes e pouco esclarecedoras, tendo por objetivo mais imediato a defesa do grupo Light ou do grupo Guinle, principal grupo nacional concorrente no setor. Muitas matérias sensacionalistas eram pagas pelos próprios grupos envolvidos na disputa. Algumas vezes, procurava-se manter oculto este tipo de envolvimento com a imprensa. A Light, por exemplo, tinha por hábito não manter anúncios de publicidade nos jornais que financiava, de forma a aparentar certa neutralidade com relação aos artigos que defendiam seus interesses. No entanto, a relação que esta empresa mantinha com a imprensa era extremamente estreita e foi sendo fortalecida ao longo do tempo. Além de financiar os seus defensores, procurava silenciar seus opositores através de subornos, tendo contribuído, inclusive, com recursos de vulto em negociações de compra e venda de jornais. É o caso, por exemplo, da compra de *O Jornal* realizada pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, que tornou-se proprietário de uma rede de jornais e outros veículos de comunicação, e que, além de

²⁴. DEBATES PARLAMENTARES. Sobre energia elétrica na Primeira República: o processo legislativo. Rio de Janeiro: CMEB, 1990, p.159.

advogado da Light, sempre foi um dos maiores defensores deste grupo no Brasil através da mídia²⁵.

Os investimentos da Light em campanhas publicitárias mais diretas somente se intensificarão nos finais da década de 20. Em 1928 foi criado o Departamento de Publicidade da Light, tendo como um dos objetivos prioritários a edição da *Revista Light*, cuja característica principal era a veiculação de uma imagem da empresa na qual se destaca a “comunhão” entre seus interesses e o da população. Naquele momento, a política para investimentos estrangeiros no país já se diferenciava daquela que fora implementada durante a *belle époque*. Uma forte tendência ao nacionalismo e a centralização no âmbito federal de decisões na área de recursos estratégicos, cujo ápice se dá com a promulgação do Código de Águas em 1934, era latente. Portanto, a Light precisava formar uma imagem mais positiva junto a população, de forma a ter algum respaldo político, e, para tanto, empenhou-se num projeto de publicidade mais explícito, embora tenha mantido as práticas de manipulação anteriores²⁶.

A eletrificação da cidade do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que gerava disputas econômicas e políticas, transformava-se num símbolo para os defensores do projeto de modernização da capital, exercendo forte influência na composição de um imaginário onde se estabelece a relação: **modernidade-clarificação**²⁷.

A eletricidade foi personagem constante nas crônicas que tratavam das transformações da cidade. Os escritores, em sua maioria, regis-

²⁵. A respeito da relação do grupo Light com Assis Chateaubriand, ver: MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil. A vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Em especial as páginas 82, 122, 131, 146, e 154.

²⁶. Sobre a criação do Departamento de Publicidade da Light ver: ROCHA, Amara Silva de Souza. *A consolidação da Light (1925/1934)*. IN: LEVY, Maria Bárbara e LOBO, Eulália Maria Lahmeyer (Coord). *Estudos sobre a Rio Light*. Rio de Janeiro: Centro de Patrimônio Histórico da Light, 1990 (mimeo).

²⁷. Através da análise de crônicas, artigos, charges e seções de cartas publicadas pela imprensa, além de relatórios técnicos do governo e de empresas do setor elétrico e de transportes, foram analisados os registros acerca das impressões decorrentes dos primeiros contatos com a eletricidade, priorizando as seguintes publicações: *Revista Kósmos*, *Revista Ilustrada*, *Revista Fon-Fon*, *Jornal do Comércio*, *O País*, e *Correio da Manhã*. É constante nos textos que foram analisados referências a *belle époque* como uma era iluminada, através da qual a recém fundada República superaria o estigma de atraso associado ao período colonial. Toda uma carga simbólica foi atribuída à eletricidade que, ao mesmo tempo que representava o avanço tecnológico e a perspectiva de futuro, efetivamente tornava a cidade mais iluminada.

traram o fascínio proporcionado por esta, então, nova tecnologia, ressaltando o seu papel no quadro de modernidade por eles vislumbrados. A modificação na iluminação pública tornou-se um dos atrativos mais interessantes, para aqueles que procuravam a imagem de uma grande metrópole. Nesta representação da cidade, as reformas urbanas de Pereira Passos foram capazes de proporcionar o início de uma nova era em que a vida cotidiana tornara-se mais dinâmica e atraente. A “grande” avenida construída em sua administração - a Avenida Central (atual Av. Rio Branco) - tornou-se paradigma de um “novo viver”, e sua imagem simbolizava estes sentimentos, especialmente à noite quando a novidade da iluminação elétrica tornava ainda mais fascinante este quadro:

(...) o desfile final dos autos pelas ruas asfaltadas e floridas fulgindo de luz elétrica, aí sim pode se ter uma impressão real e sólida da moderna elegância, irmã do conforto e do luxo (...) **Esta época que estamos vivendo é realmente a idade áurea da vida carioca.** [grifo nosso]

(...) às nove horas da noite(...) a Avenida regorgitava e a iluminação era profusa, dir-se-ia o laboratório gigantesco de um electricista maníaco, tão forte, tão demasiada até era a irradiação das lâmpadas! (...) Carruagens, pessoas, automóveis, tudo tumultuava numa ebriedade de viver!²⁸

A eletricidade transforma-se num referencial que demarca o espaço da cidade “civilizada” e o espaço da cidade mergulhado no passado, que correspondia à área destinada às camadas mais pobres da população. Ao ressaltarem o fervilhar da Avenida Central, destacando suas luzes, há sempre uma referência às sombras a que está destinada aquela “outra cidade”. Percebe-se aí uma analogia que remonta ao Iluminismo em que **luz** e **sombras** estariam simbolicamente associadas a **civilização** e **atraso**, respectivamente:

(...) já nas sombras da Prainha a se afastar para os lados dos becos esconsos dos trapiches e dos morros de ladeiras mal iluminadas, como um pedaço de passado que se ia...²⁹.

²⁸. Respectivamente: Revista Fon-Fon, 24/07/1909, [p. 6] e 7/08/1909, [p. 8].

²⁹. Idem. Ibidem. 1/05/1909.

É interessante perceber que a imagem representativa da cidade tinha como paradigma um pequeno trecho urbano, que incluía apenas a nova avenida e arredores, com seus ares de metrópole. A “outra” cidade, aquela onde vivia e trabalhava a maior parte da população, era sempre representada como algo lúgubre, fadado à extinção. As características positivas das reformas eram exacerbadas, tanto com relação ao seu alcance imediato, quanto a sua perspectiva otimista de futuro. Os graves problemas de infra-estrutura de uma área urbana cada vez mais congestionada permaneciam ausentes deste discurso. O pequeno trecho reformado adquiria o caráter de cartão postal da capital, divulgando um padrão de modernização que deveria ser seguido pelo resto do país.

Após o deslumbramento inicial, a contradição entre cidade civilizada e povo atrasado tornou-se uma das questões centrais do discurso modernizante. Estes intelectuais sugerem que, após as reformas, a maioria dos habitantes já não combinava mais com a cidade. Torna-se recorrente nas crônicas do período a frustração quanto aos hábitos “aldeãos” da população que não “sabe” usufruir os “meios civilizados”. Apesar das largas avenidas feericamente iluminadas “o povo” permanecia à noite em seus lares sob à luz “tosca” dos velhos lampiões a gás, ou, quanto compareciam à “Avenida” procediam como “bandos” barulhentos e indesejáveis. A estética moderna tinha constantemente sua crosta rompida, pois, ao mesmo tempo que expunha um ideal almejado, tornava-se um espelho que continuava refletindo uma cidade com sérios desníveis sociais, vivendo um período em que o exercício do poder na reordenação do espaço urbano se dava, essencialmente, pela exclusão.

A **sedução da modernidade** para esta intelectualidade, parece ter ficado restrita a pequena parte da população. Verifica-se, no entanto, que o homem comum também se deslumbrou pelas novas tecnologias. Um registro interessante deste aspecto é a forma respeitosa como esta população refere-se, por exemplo, à eletricidade. Tendo como fonte a seção de queixas do *Jornal Correio da Manhã* foi possível verificar que apesar de severas críticas ao serviço de eletrificação da cidade, especialmente com relação aos bondes, os textos populares publicados nestas colunas ressaltam sempre a importância deste “bem civilizado”³⁰. No

³⁰. Durante o período pesquisado - 1901/1914 - é grande a incidência de reclamações com relação a acidentes ocorridos com fios deixados pendurados nos postes por funcionários da Light, em buracos abertos pela empresa e, principalmente, atropelamentos causados por bondes elétricos. A tônica destes textos é sempre o questionamento à lisura do pessoal

entanto, o difícil acesso desta parte da população a este e outros “bens civilizados”, vai tornar um tanto mais complexa a sua identificação com a modernidade que eles representam.

Apesar de ter sido objeto de muita disputa, o serviço público de iluminação elétrica da capital esteve até as duas primeiras décadas deste século restrito apenas às áreas centrais e aos novos bairros de elite que se formavam no litoral da cidade. A eletrificação, tanto na iluminação pública quanto nos bondes, foi um dos fatores que contribuiu para a valorização de áreas até então semi-desertas, como é o caso das praias de Ipanema e de Copacabana, funcionando como grande atrativo para formação de bairros de elite naquelas localidades, resultado de pressões de empresários ligados ao setor imobiliário, que, paralelamente, trataram de adquirir terrenos nestas regiões na expectativa de sua valorização.

A camada mais pobre da população mesmo que seduzida pela eletricidade, teve um contato bem menos espetacular com ela. O impacto de uma multinacional no seu cotidiano foi muito mais significativo do que propriamente o fascínio pela nova tecnologia, sendo mais sentido através da eletrificação dos bondes, meio de transporte bastante popular. A partir de uma pesquisa em jornais, especialmente em sessões abertas ao público, verificou-se a existência de um certo conflito entre esta camada da população e o modelo de eletrificação que estava sendo implantado.

Embora iniciada em 1892, pela Cia. de Ferro-Carril Jardim Botânico, a eletrificação dos bondes somente tomou impulso na primeira década do século XX, com a monopolização do setor de eletricidade pelo grupo Light. A partir de 1900 a prefeitura da capital exigiu que os contratos das empresas concessionárias do serviço só fossem renovados com a condição de serem eliminados os bondes movidos à tração animal.

Os primeiros bondes elétricos que circularam cativaram o público com sua velocidade e limpeza, comparados aos antigos meios de transporte. Rapidamente, porém, tornaram-se alvo de severas críticas de uma população indignada, que se expressava através de seções abertas à opinião pública pela imprensa. Antes da incorporação da tração elétrica, os bondes já eram acusados de serem causadores de muitos acidentes.

da Light em seus procedimentos técnicos e a exigência de rigor na manipulação desse bem já considerado tão necessário - a eletricidade.

Com a eletrificação das linhas estes acidentes tornaram-se ainda mais graves e freqüentes, conforme demonstra o aumento de referências a este tipo de acontecimento e a forma como ele passa a ser constantemente abordado pela imprensa, indicando que os mesmos passam a ocupar um papel de maior destaque entre as preocupações da população.

Com relação à velocidade, alegava-se que com a monopolização do serviço pela Light o intervalo entre um bonde e outro aumentou consideravelmente e, portanto, nada teria adiantado o transporte se locomover mais rápido se o tempo de espera pelo mesmo alongara-se muito. Além disso, os bondes eram acusados de desenvolverem altas velocidades e de causarem acidentes ainda mais graves e constantes do que aqueles que aconteciam no tempo dos bondes de tração animal. Criticava-se muito os “maus serviços” da Light tornando difícil para população o usufruto das facilidades dos “tempos modernos”. São constantes nas charges da época imagens onde são representados indivíduos que, com grande desânimo, perdiam horas à espera dos elétricos, e estes, quando passavam, eram como rajadas de vento, visíveis no balançar das roupas e dos chapéus das pessoas que mal conseguiam embarcar. Apesar disto, viajar nos elétricos e sentir no próprio corpo sua leveza e agilidade era motivo de satisfação.

Por um lado, percebe-se que havia certa negligência da Light com relação à eficiência de seus serviços. Por outro, é perceptível a dificuldade da população em conviver no seu cotidiano com um novo patamar de velocidade. Emoções contraditórias com relação a esta experiência afloram, manifestando-se tanto no **desejo** quanto no **medo** de experimentá-la.

Além das variadas e constantes críticas ao elétrico encontradas em artigos e seções abertas ao público, também os cronistas e cartunistas trataram freqüentemente o tema, tornando a imprensa rica em referências e ilustrações a respeito do caráter quase “sanguinário” do novo meio de transporte:

Não é que a Light decidiu exterminar a honesta população desta cidade? (...) Os bondes elétricos continuam a esmagar e trucidar inocentes passageiros. A *blague* foi o único protesto do povo indefeso, que intitulou com acerto os tais carros de “perigo amarelo”³¹.

³¹. Correio da Manhã, 11/10/1906, p. 6.

O “perigo amarelo”, referência à cor dos bondes elétricos, se transforma em inimigo da população:

Há nele não sei o que de fatal e necessário; parece um flagelo, uma epidemia descida dos céus para o nosso castigo. Os estropiados aumentam e a população de tais lugares, se de todo não desaparecer, em breve ficará privada de braços e pernas³².

As charges que retratam o serviço de bondes se multiplicam, adquirindo um certo humor negro, ressaltando sempre a mutilação a que está sujeita a população que convive com os veículos.

Percebe-se a incidência de representações contraditórias quanto aos elétricos. De um lado, a atração pela novidade tecnológica que eles representam como **heróis** da modernidade, potencialmente capazes de proporcionar uma vida mais cômoda, dinâmica e veloz. De outro, a repulsa generalizada à *holding* canadense e aos “perigos” desta modernidade, cujo contato cotidiano poderia causar a morte e o flagelo. Ao serem associados a estes inconvenientes os elétricos da Light assumem a forma de **vilões**.

Estas emoções contraditórias deram origem a uma forte reação popular contra a Light, e, por extensão, à atuação desenfreada de empresas estrangeiras no país. Durante os dias 11, 12 e 13 de janeiro de 1909 as áreas centrais da capital foram transformadas em verdadeira praça de guerra, com a ocorrência de mortos, feridos, bondes virados e queimados, construção de barricadas e destruição de combustores de iluminação. O fator desencadeador destes acontecimentos, a princípio, teria sido uma modificação no itinerário da maioria das linhas de tarifa mais barata (cem réis). Foram transferidos seus pontos de parada das áreas centrais da cidade, principalmente do Largo de São Francisco, para o Cais dos Mineiros. Esta alteração, segundo a direção da empresa, seria provisória e necessária para as obras de eletrificação das redes.

O Jornal *Correio da Manhã*, dias antes da eclosão do movimento, publicou uma matéria registrando sua insatisfação com relação à Light e garantindo ter a seu lado a maioria ou mesmo a totalidade da opinião da população do Rio de Janeiro. Este artigo critica severamente a atitude da empresa em transferir os pontos de paradas dos bondes de

³². Revista *Fon-Fon*, Maio de 1907 [p. 17].

tarifa menor para locais mais distantes, causando sérios inconvenientes à população.

A análise desta reação implica em algumas questões metodológicas importantes no que se refere ao estudo dos movimentos populares³³. Visto de uma forma panorâmica é marcante a violência de ambas as partes envolvidas diretamente no conflito, ou seja, os manifestantes e a força policial. Os primeiros causaram prejuízos materiais consideráveis e o outro coagiu severamente resultando em 5 mortos e 68 feridos atendidos no Hospital da Santa Casa e 120 detidos. Visando superar a noção estereotipada que a imprensa consultada deixou sobre o conflito ao nomeá-lo como um “motim” ou “arruaça de desocupados”, foram levantados dados referentes à composição dos manifestantes como: a ocupação, o sexo e a idade de alguns dos mortos e feridos, cuja análise aponta para algumas conclusões³⁴.

Dos 68 feridos que deram entrada no Hospital da Santa Casa, 45 declararam suas profissões, constituindo-se de operários, empregados domésticos, comerciários e outros trabalhadores de pequeno poder aquisitivo. Dos que não declararam profissão pressupõe-se que poderiam ser desempregados, cuja incidência era alarmante no período. Há a predominância de jovens. A média de idade dos feridos é de 23 anos. Entre os mortos havia, inclusive, um menino de 12 anos. Constata-se a total predominância de pessoas do sexo masculino com o registro de apenas 4 mulheres no total de 73 mortos e feridos. Uma delas, uma mulher de 60 anos, foi morta na janela de sua residência por um tiro de carabina disparado por um policial. Este episódio e outros relatos semelhantes mostram que entre os atendidos pela assistência pública nem todos eram participantes ativos da manifestação, alguns eram simpatizantes da causa e outros apenas curiosos. Os jornais indicam que a violência policial foi extrema não fazendo distinção ao dirigir o poder de fogo de suas carabinas aleatoriamente.

Com relação aos 120 presos, todos foram liberados no dia seguinte após atestarem residência fixa e nenhum antecedente criminal. O

³³. Ver a respeito de movimentos populares: RUDÉ, George. A multidão na História: estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

³⁴. Um quadro completo do levantamento realizado consta do capítulo 3 de minha dissertação.

que indica que mais do que uma “arruaça de desocupados”, como definiu os jornais, esta reação foi uma das muitas formas que a população de menor renda encontrou para reivindicar o que considerava direito usurpado. Neste sentido, a reação contra os bondes em 1909 não pode, em hipótese alguma, ser analisada como um fenômeno isolado. A sua relação com outros acontecimentos similares se dá em dois níveis. No primeiro está a identidade com as várias outras revoltas que ocorrem nestes primeiros anos da República, entre as quais a Revolta da Vacina que, ocorrida cinco anos antes, traz a marca da insatisfação popular e da forma severa como a República Velha trata as questões sociais. No segundo está a sua correspondência com várias outras revoltas populares que tem como origem a insatisfação com os meios de transporte, seja com o preço da tarifa, como ocorre nos quebra-quebras de janeiro de 1880 e de junho de 1901, seja motivado pelo mau funcionamento do serviço, como o que acontece em 1909³⁵.

O serviço de eletricidade da capital permitiu a concessionária Light definir política de urbanização, assumindo prerrogativas que a princípio deveriam ser do Estado, numa tradicional mistura brasileira entre o público e o privado. Portanto, a população ao dirigir-se contra a Light também tinha como alvo o Estado exigindo, mesmo que por caminhos tortuosos, participação nas novas definições do espaço urbano que, ao seu ver, subitamente afloravam e das quais permanecia constantemente excluída.

A letra da música apresentada a seguir expressa de maneira significativa este contexto:

Oração à Light ³⁶
Salve, empolgante e poderosa Light,
Que tem nas unhas toda a força e luz!...
Salve, querido tio Sam *all right*,
Que faz do dólar um juiz do truz!

³⁵. Para uma análise dos conflitos gerados em torno dos meios de transportes coletivos ver: SILVA, Maria Lais Pereira da. Os transportes coletivos na cidade do Rio de Janeiro: tensões e conflitos. Rio de Janeiro: Secr. Mun. de Cultura, Turismo e Esportes, 1982. (Biblioteca Carioca v. 20). (Especialmente o cap. 4 *Briga de rua, briga de vida*.)

³⁶. Recitativo para violão e cavaquinho publicado no Jornal do Comércio de 25/07/1907, na seção de publicações a pedido.

Bendita seja a colossal empresa
 Que só trabalha para o bem do Zé!
 Cedeu-lhe tudo ... - bonde, cama e mesa ...
 E ele, o ingrato, está batendo o pé! ...

Bendito seja o nosso bom Prefeito
 Que tanto sofre, por amor de ti! ...
 Que Deus o ajude a descalçar com jeito
 A grande bota que chamou a si! ...

Bendito seja quem defende a bota,
 Quebrando lanças pelo seu autor! ...
 Tem, como certo, abiscoitar bolota ...
 - Bolota grande - seja lá quem for! ...

Bendita a imprensa, que defende, exalta,
 O grande polvo, que nos vem prender!...
 Bendita seja, que não sente a falta
 Que sente o povo, se quiser viver!

Bendito seja o popular Conselho,
 Que vai a bota analisar também!
 - Que vá quebrando desde já o espelho
 Do seu passado ... para sempre ...
 Amém!

Considerações Finais

As transformações no espaço urbano do Rio de Janeiro da *belle époque*, mesmo tornando mais evidente o grande desequilíbrio social, continuou fornecendo símbolos que foram apropriados pelo discurso que defendia as reformas urbanas como via de acesso à civilização e à modernidade, embora não tenha sido capaz de ocultar um outro discurso, o dos excluídos, que constantemente vinha à tona.

O sentimento de exclusão nos dias de hoje parece ser relativamente menor do que no início do século. Na atual conformação do sistema capitalista, a **mídia** representa um poderoso mecanismo de incorporação social, certamente o maior de todos, substituindo este sentimento de exclusão por criações sucessivas e renováveis de identidades coletivas. Desta forma, minimiza as contradições e, principalmente em países

subdesenvolvidos, realimenta constantemente a **sedução tecnológica**, que faz com que o consumo ávido de bens e serviços por si só ainda represente a via de acesso ao “moderno paraíso terreno”, fortemente enraizado no imaginário coletivo.

A dimensão de crítica social é uma ausência significativa desta perspectiva de modernidade. A absorção de tecnologias de ponta potencializa o que já existe em determinada sociedade. Portanto, a forma como se dá a sua absorção é essencial na busca de alternativas possíveis à melhoria das condições de vida, estendendo seus benefícios a um maior contingente populacional.

Na entrada para o terceiro milênio a sociedade brasileira ainda se empenha em sucessivas tentativas de modernização, expressas em práticas econômicas, sociais e políticas, que visam enquadrar o país no *rol* das principais potências mundiais, subestimando os graves problemas sociais que possam gerar. Enquanto estas mudanças forem realizadas sem que haja transformações efetivas, através da valorização de uma cultura que estabeleça as bases para modificações estruturais em níveis econômicos e sociais, a modernidade permanecerá como uma pequena “ilha paradisíaca” localizada num mar de miséria que é o país.

ABSTRACT

One of the recurrent symbols which represents the city of Rio de Janeiro at the turn of the 20th century was electrification. These representations were rich in meaning and they also had a social and historical sense besides being linked to a collective imaginary, which has one of the most important embodiments in the modernisation process.

Só, the aim of this study is to analyse this process, based on an approach from the imaginary. Our intention is to examine the way which the *modernity seduction* - or the *light seduction* - implies in a set of values which are able to organize life in society.

Keywords: Urbanization; Imaginary; Electrification.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**Periódicos:**

Correio da Manhã [1901-14]

Revista Fon-Fon [1907-14]

Jornal do Comércio [1892-1914]

Kósmos [1904-9]

O País [1892-14]

Revista Ilustrada [1891-8]

Livros e artigos:

BECHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos: Um Haussmann Tropical. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes, 1992. (Biblioteca Carioca v. 11)

BRODER, Albert. *Os Bancos e o Desenvolvimento da Indústria de Energia Elétrica Européia*. IN: Anais do I Seminário Nacional de História e Energia. São Paulo: Eletropaulo, 1986.

CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DEBATES PARLAMENTARES. Sobre Energia Elétrica na Primeira República: O Processo Legislativo. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil. CMEB, 1990.

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Em Busca da Idade de Ouro: as elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1994.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. História do Rio de Janeiro: do Capital Comercial ao Capital Industrial e Financeiro. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978. v. 1 e 2.

- MORAIS, Fernando. Chatô: o rei do Brasil, a Vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NEEDEL, Jeffrey D. Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NISBET, Robert. História da Idéia de Progresso. Brasília: Ed. da UNB, 1985.
- ORY, Pascal. 1889 La Memoire des Siecles. L'Expo Universelle. Paris: Editions Complexe, 1989.
- RAMA, Angel.. A Cidade das Letras. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- REBERIOUX, Madeleine. *Approches de l'Histoire des Expositions Universelles à Paris du Second Empire à 1900*. IN: Bulletin du Centre Pierre Leon. Paris: 1979, n.1, p. 1-20.
- _____. *Au Tornant des Expos: 1889*. IN: Le Mouvement Social. Paris: Les Éditions Ouvrières, n.149, oct./déc. 1989.
- ROCHA, Amara Silva de Souza. *A consolidação da Light (1925/1934)*. IN: LEVY, Maria Bárbara e LOBO, Eulália Maria Lahmeyer (Coord). Estudos sobre a Rio Light. Centro de Patrimônio Histórico da Light, 1990. (mimeo)
- RUDÉ, George. A Multidão na História: Estudo dos Movimentos Populares na França e na Inglaterra 1730-1848. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHORSKE, Carl E. Viena Fin de siècle: Política e Cultura. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- SCOBIE, James R. *The Growth of Latin American Cities, 1870-1930*. IN: BETHELL, Leslie. The Cambridge History of Latin America. Cambridge University Press, 1986, v.4.
- SILVA, Maria Lais Pereira da. Os transportes coletivos na cidade do Rio de Janeiro: tensões e conflitos. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1982. (Biblioteca Carioca v. 20)
- SZMRECSÁNYI, Tamás. *A Era dos Trustes e Cartéis*. IN: Revista História e Energia, ano 1989, no.5, Eletropaulo.
- VARGAS SALGUERO, Ramón e LÓPEZ RANGEL, Rafael. *La Crisis Actual de la Arquitectura Latinoamericana*. IN: SEGRE, Roberto. América Latina en su Arquitectura. Unesco: Siglo Ventuno Ed., 1975, p. 186-203.

REVISTA DE HISTÓRIA REGIONAL 2(2):51-80, 1997.